

A HISTÓRIA DA MARINHA DO BRASIL E SUAS ORIGENS NARRADAS PELA FILATELIA

FERNANDO ANTONIO BORGES FORTES
DE **ATHAYDE BOHRER***
Capitão de Mar e Guerra (Re^{fb})

SUMÁRIO

Introdução
O Infante D. Henrique e as “Ideias da Escola de Sagres”
As Grandes Navegações portuguesas
Descobrimento do Brasil
Navios portugueses
As invasões francesas no território brasileiro
Navegadores franceses e suas expedições
A França Antártica – O nascimento da Marinha do Brasil
A França Equinocial – O primeiro comandante naval brasileiro
A vinda da Família Imperial portuguesa para o Brasil
A Independência do Brasil
A passagem da Real Esquadra inglesa pelo Rio de Janeiro rumo à Austrália
Ministério da Marinha
A Esquadra Imperial brasileira
A Guerra da Triplíce Aliança
Vultos célebres da Marinha Imperial brasileira
Palavras finais

* Foi comandante do Aviso de Instrução *Guarda-Marinha Jansen*, da Corveta *Jaceguai* e do Navio de Desembarque de Carros de Combate *Mattoso Maia*. Sócio efetivo do Clube Filatélico do Brasil.

INTRODUÇÃO

Neste ano de 2022, comemoraremos o Bicentenário da Independência do Brasil e da invicta Esquadra brasileira.

Como filatelista, veio-me a ideia de representar essa história por meio da Filatelia, mostrando as diversas passagens dessa árdua e vitoriosa jornada nos selos postais emitidos, no Brasil e no exterior, alusivos a fatos, datas e heróis que dela participaram, fazendo um passeio por esse período, desde o Infante D. Henrique e as “ideias da Escola de Sagres”, em Portugal, até a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, passando pelas grandes navegações; pelo descobrimento do Brasil; pela vinda da Família Imperial portuguesa para o Brasil, em 1808; e pela Independência do Brasil, consolidada pela participação da Esquadra brasileira, de norte a sul do recém-independente País.

Ressalto que o relato minucioso da história do Brasil nesse período deixarei para os historiadores e articulistas e apenas me reservarei a mostrar esses fatos históricos por meio dos selos postais alusivos às datas e aos personagens da história e da Marinha do Brasil.

O INFANTE D. HENRIQUE E AS “IDEIAS DA ESCOLA DE SAGRES”

O Infante D. Henrique nasceu na cidade do Porto, em 4 de março de 1394, filho de D. João I e D. Filipa. Em determinado momento de sua vida, refugia-se no Algarves, fixando moradia no Promontório de Sagres. Ali aprofunda seus estudos nas “coisas” de Marinha.

Selos das colônias portuguesas de Cabo Verde, Estado da Índia, Timor, Macau e Moçambique – década de 1960



Figura 1 – Infante D. Henrique

Figura 2 – O Brasão da Família

Figura 3 – Talent de Bien Faire

Figura 4 – A Esfera Armilar

Figura 5 – Caravela dos Descobrimentos

Selos das colônias portuguesas de São Tomé e Príncipe, Angola e Guiné – década de 1960

Os portugueses eram, havia tempos, em sua maior parte, navegadores de caráter comercial, cujos esforços eram individuais e dispersos. Ao Infante D. Henrique couberam o impulso inicial aos descobrimentos e o subsequente desenvolvimento da navegação oceânica, dando “novos mundos ao Mundo” e colocando em contato civilizações diversas e distantes, ligando o Ocidente ao Oriente.

Os Equipamentos Náuticos:



Figura 6 – Rosa dos Ventos
 Figura 7 – Carta Náutica
 Figura 8 – Astrolábio

Assim sendo, as conquistas dos Arquipélagos da Madeira e Açores; o desbravamento da costa ocidental do continente africano e o seu contorno pelo Cabo das Tormentas; a consequente conquista da Índia e daí ao Extremo Oriente; e a navegação para o Ocidente, com a descoberta da Ilha de Vera Cruz (Terra de Santa Cruz

e posteriormente Brasil) e a exploração de seu litoral, do Amazonas ao Rio da Prata, nasceram com o Infante D. Henrique na lendária Escola de Sagres. Este foi o precursor das grandes navegações oceânicas, dos navios capacitados a realizá-las, dos instrumentos para que fossem seguras e permitissem levá-las a bom termo e de fortalezas em pontos focais, para defender e apoiar as esquadras portuguesas.

Selos da colônia portuguesa do Estado da Índia – década de 1960

As fortalezas portuguesas, em pontos focais da Índia, para defesa e apoio dos seus navios:



Figura 9 – Goa
 Figura 10 – Mombaim



Figura 11 – Damão
 Figura 12 – Cochim



Figura 13 – Diu
Figura 14 – Bacaim

**Selos da colônia portuguesa
Moçambique – década de 1960**

O poeta e escritor Luiz de Camões, em sua obra *Os Lusíadas* (Canto V, Est. IV), assim escreveu sobre o Infante D. Henrique:

“Assi fomos abrindo aqueles mares
Que geração algua não abrio
As novas ilhas vendo e os novos ares
Que generoso Enrique descobrio”



Figura 15 – Camões
Figura 16 – Lusíadas

**AS GRANDES NAVEGAÇÕES
PORTUGUESAS**

D. Vasco da Gama

Vasco da Gama foi o navegador português descobridor do caminho marítimo para as Índias, contornando o Cabo das Tormentas, no sul do continente africano, em 1498. O rei de Portugal o nomeou vice-rei da Índia em 1524.



Figura 17 – Selo da colônia portuguesa do Estado da Índia retratando D. Vasco da Gama

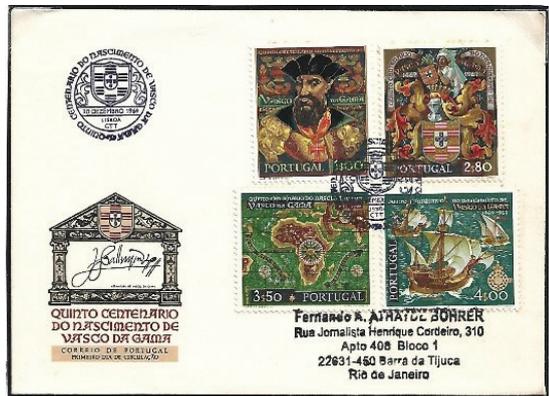


Figura 18 – Envelope com selos de Portugal homenageando os 500 anos do nascimento de Vasco da Gama

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Era o rei de Portugal D. Manoel I quando, em 22 de abril de 1500, a esquadra de Pedro Álvares Cabral avistou o Monte Pascoal nas costas da Bahia e denominou a nova terra descoberta de Ilha de Vera Cruz.

Selos das colônias portuguesas de Cabo Verde, Timor e Guiné – década de 1960



Figura 19 – Rei de Portugal D. Manoel I
 Figura 20 – Emblema Real
 Figura 21 – Brasão de Armas



Figura 22 – Selos dos Correios do Brasil, Pedro Álvares Cabral (1906)
 Figura 23 – Selo comemorativo 500 anos do Descobrimto do Brasil (2000)
 Figura 24 – Selo comemorativo 500 anos do Descobrimto do Brasil (2000)



Figura 25 – Primeiro selo comemorativo do Brasil, alusivo aos 400 anos do Descobrimento do Brasil (1900)

NAVIOS PORTUGUESES

Selos da colônia portuguesa de Moçambique – década de 1960

Galeotas e Bergantis Reais



Figura 26 – Galeota *D. Miguel* (1831)

Figura 27 – Galeota *Grande D. João V* (1728)

Figura 28 – Galeota *Pequena* (1753)

Caravelas, Naus e Galeões



Figura 29 – Navios do século XVI. Selos emitidos pelos Correios de Portugal

Selos emitidos na colônia portuguesa de Moçambique – década de 1960



Figura 30 – Galeão Santa Tereza (1539)
 Figura 31 – Nau Vasco da Gama (1841)
 Figura 32 – Nau d'Armada (1500)

O Infante D. Henrique, com seu espírito universalista, foi o precursor da Marinha portuguesa e, por que não dizer, da Marinha do Brasil e do Poder Naval brasileiro.

AS INVASÕES FRANCESAS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Ao longo de mais de um século, a partir de 1504, os franceses começaram a navegar para o Novo Mundo. Saíam da Bretanha, especialmente da cidade portuária de Saint-Malo, vindo ao Brasil abastecer-se de madeira de tinturaria, algodão, macacos e papagaios.

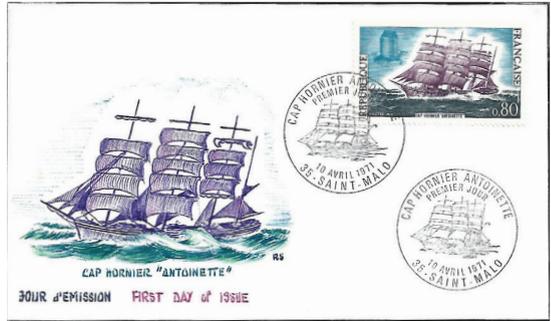


Figura 33 – Envelope com selo da França (1971) retratando o Veleiro de Três Mastros Cap Hornier Antoinette e carimbo da cidade de Saint-Malo

NAVEGADORES FRANCESES E SUAS EXPEDIÇÕES

Selos emitidos pela França em 1988, em homenagem aos seus navegadores



Figura 34 – Duquesne (1610-1688)
 Figura 35 – La Bourdonnais (1699-1753)



Figura 36 – Suffren (1729-1788)
 Figura 37 – Bougainville (1729-1811)
 Figura 38 – La Pérouse (1741-1788)
 Figura 39 – Dumont D'urville (1790-1842)

A FRANÇA ANTÁRTICA – O NASCIMENTO DA MARINHA DO BRASIL

Nicolas Durand de Villegagnon, vice-almirante da Bretanha, tinha um plano de fundar no Brasil um território que denominaria França Antártica. Esta ideia teve a simpatia do Almirante Gaspard de Coligny, personagem influente na Corte francesa. Em 1º de novembro de 1555,

a esquadra comandada por Villegagnon entra na Baía de Guanabara, e os franceses se fixam em uma pequena ilha, que atualmente leva o nome de Villegagnon. Aí edificaram uma fortaleza – Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Villegagnon, sede da Escola Naval de 1938 até os dias de hoje.



Figura 40 – Almirante Coligny
 Figura 41 – Ano Brasil-França
 Figura 42 – Arariboia



Figura 43 – Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Villegagnon

Em 20 de janeiro de 1567, Mem de Sá, no comando de uma esquadra e com auxílio dos indígenas de Martin Afonso Arariboia, expulsa os franceses da Baía de Guanabara. Foi a primeira defesa organizada do território brasileiro, tendo como marco o nascimento da Marinha do Brasil, pois a maior parte das ações foi desenvolvida no mar, onde foram empregados meios navais indígenas.

A FRANÇA EQUINOCIAL – O PRIMEIRO COMANDANTE NAVAL BRASILEIRO

Com o revés da Baía de Guanabara, a França direcionou suas expedições para o norte do Brasil, e, em 1612, Daniel de La Ravardière fundou a cidade de São Luís, capital da França Equinocial. A retomada da região constituiu-se em uma epopeia naval, sendo levada a cabo após a conquista do domínio do mar. Destacou-se nessa campanha naval Jerônimo de Albuquerque, chefiando uma esquadilha de navios. Foi o primeiro brasileiro nato a comandar forças em combate na defesa do

território, tornando-se, nos idos de 1615, o primeiro comandante naval brasileiro.

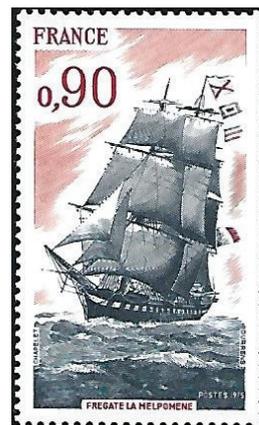


Figura 44 – Cidade de São Luís
Figura 45 – Fragata francesa



Figura 46 – Força Naval de capital da França Equinocial – La Melpomène Jerônimo de Albuquerque



Figura 47 – Correspondência com os selos comemorativos aos 400 anos da cidade de São Luís, capital da França Equinocial e da Força Naval comandada por Jerônimo de Albuquerque

A VINDA DA FAMÍLIA IMPERIAL PORTUGUESA PARA O BRASIL

Em 8 de março de 1808, chegaram à cidade do Rio de Janeiro a Família Real e a Corte portuguesa, em fuga das tropas de Napoleão que rumavam para a Península Ibérica, em direção a Portugal.



Figura 48 – 200 anos da chegada da Família Imperial portuguesa ao Brasil (2008)



Figura 49 – Nau *N. Sra. do Bom Sucesso*, que participou, em 1807, da esquadra que transportou a Família Real ao Brasil

Figura 50 – *Bergantim Real*, que serviu na cerimônia matrimonial do Príncipe D. João com a Infanta Carlota Joaquina (1778)

Figura 52 – Selo pelos 200 anos do Corpo de Fuzileiros Navais

Figura 53 – D. João VI



Figura 51 – Selos comemorativos aos 230 anos da Escola Naval

Com a Família Real vem D. João (ainda não era D. João VI), que teve importante papel para o Rio de Janeiro e para o Brasil. Com a Corte portuguesa vieram a Real Escola de Guardas-Marinha, atual Escola Naval, e a Infantaria de Marinha, hoje Corpo de Fuzileiros Navais, embarcadas nos navios da esquadra portuguesa.

D. João VI abriu o País ao estrangeiro

(Abertura dos Portos às Nações Amigas) e criou a estrutura estatal e as instituições culturais.



Figura 54 – 200 anos da Abertura dos Portos às Nações Amigas



Figura 55 – Instituições Culturais



Figura 56 – Estrutura Estatal

São legados joaninos, entre muitos, os Conselhos de Estado e de Fazenda, os Supremos Tribunais de Justiça e Militar, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o Arsenal da Corte, depois Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ), e as instituições que serviram de base ao Ministério das Relações Exteriores, ao Exército Brasileiro e à Marinha do Brasil.

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

A Independência do Brasil, proclamada por D. Pedro I em 7 de setembro de 1822, foi irradiada para todo o território brasileiro.



Figura 60 – Quarto selo da primeira série de selos comemorativos do Brasil em homenagem ao Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil – 1900



Figura 57 – Judiciário

Figura 58 – Justiça Militar

Figura 59 – Jardim Botânico



Figura 61 – Carimbo comemorativo ao Centenário da Independência do Brasil – 1922



Figura 62 – Série de selos comemorativos aos 150 anos da Independência do Brasil – 1972

A Consolidação da Independência e a Marinha do Brasil

Nas províncias Norte, Nordeste e Cisplatina, as Juntas Governamentais continuavam leais à Corte portuguesa, em Lisboa. Assim foi no extremo sul, na Província Cisplatina; na Bahia, onde se concentrava a maior oposição; e no Maranhão. Surgiram, também, revoltas de cunho separatista, motivadas por insatisfação com o Governo Imperial: nas províncias da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará – a Confederação do Equador; nas províncias de Pernambuco

e Alagoas – a Cabanada; na Província do Pará – a Cabanagem; e nas províncias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina – a Revolução Farroupilha (Guerra dos Farrapos) e República Juliana.

O Brasil, com seus 7.680 quilômetros de costa sem comunicações terrestres, viu no Poder Naval o único elemento capaz de levar a ordem e a autoridade imperial àquelas províncias.

O material flutuante que permanecera no País após a partida de D. João VI seria o embrião da Primeira Esquadra da nova Marinha do Brasil, intervindo com sucesso e auxiliando a debelar todos esses conflitos.



Figura 63 – Campanha da Cisplatina – Bergantim *Lebre*, navio português que participou da Campanha
Figura 64 – Confederação do Equador, república independente que reuniu as províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará durante cinco meses em 1824



Figura 65 – Cabanagem – Revolta popular ocorrida na Província do Pará, entre 1833 e 1840
 Figura 66 – Revolução Farroupilha – Revolta separatista que eclodiu no Rio Grande do Sul, estendendo-se a Santa Catarina, levada a cabo pelos ricos proprietários de terra, descontentes com o Governo Imperial, entre 1835 e 1845

A PASSAGEM DA REAL ESQUADRA INGLESA PELO RIO DE JANEIRO RUMO À AUSTRÁLIA

A visita ao Rio de Janeiro da First Fleet, em 1787, em sua viagem à Austrália, marcou a primeira vinda a terras brasileiras de

uma Esquadra inglesa. Tal fato é revestido de importância, pois, anos mais tarde, oficiais e marinheiros ingleses viriam a ser contratados para organizar e integrar a Marinha Imperial brasileira, então em formação. Os Correios da Austrália retrataram em selos, no ano do Bicentenário dessa epopeia, as principais etapas da viagem.



Figura 67 – Partida da First Fleet de Portsmouth, em 13 de maio de 1787, com 11 navios



Figura 68 – Estadia em Tenerife, em 3 de junho de 1787, para abastecimento da Esquadra



Figura 69 – Atracação no Rio de Janeiro, em 6 de agosto de 1787, para abastecimento e descanso das tripulações



Figura 70 – Cabo da Boa Esperança, após fortes tempestades. Atracação em 13 de outubro de 1787



Figura 71 – Chegada na Austrália em 26 de janeiro de 1788, data em que foi fundada a Colônia de New South Wales

MINISTÉRIO DA MARINHA¹

No *Repertório Remissivo da Legislação da Marinha e do Ultramar*, editado em 1856 pela Imprensa Nacional de Lisboa, encontra-se o mais antigo registro sobre a origem do Ministério da Marinha. Ali está escrito que, em 28 de julho de 1736, o Rei D. João V assinou um Alvará Régio alterando a Organização Administrativa do

Reino, criando três Secretarias de Estado, entre elas a dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, que, em 1808, viria a ser transferida para o nosso país, por ocasião da vinda da Família Real.

Ao longo dos anos, o Regulamento da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos sofreu várias alterações. Em 1821, o Príncipe Regente limitou sua competên-

¹ O texto deste subtítulo é um extrato da Ordem do Dia nº 001, de 28 de julho de 1991, do chefe do Gabinete do Ministro da Marinha, Vice-Almirante Sérgio G.F. Chagastelles, e está inserido na coleção “A Marinha do Brasil e o Poder Naval Brasileiro: das Ideias da Escola de Sagres ao Século XXI”, do autor.



Figura 72 – Correspondência postada na Agência dos Correios do Ministério da Marinha para a cidade de Aix-en-Provence, França

cia ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Em 1891, sob o reinado de D. Pedro II, as repartições que constituíam a Secretaria passaram a se denominar Ministério da Marinha.

A ESQUADRA IMPERIAL BRASILEIRA

Podemos considerar que a Esquadra brasileira surgiu com os meios navais deixados por D. João VI quando do seu regresso a Lisboa. A maioria estava imprestável, e o Arsenal da Corte (hoje Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro – AMRJ) conseguiu colocar em condições de operação a nau que recebeu o nome de *D. Pedro I* e que passou a ser a nau capitânia da Primeira Esquadra brasileira.

José Bonifácio de Andrada e Silva, chefe do Primeiro Gabinete do Brasil independente, foi o responsável pela organização da defesa do território



Figura 73 – D. Pedro I
Figura 74 – D. João VI
Figura 75 – D. Pedro II



Figura 76 – Selo comemorativo aos 250 anos do Arsenal da Corte, hoje AMRJ, com a Nau *D. Pedro I* retratada

brasileiro. Sem oficiais graduados com experiência em operar navios de esquadra em combate, por sugestão do Marquês de Barbacena, plenipotenciário brasileiro em Londres, representando o Governo Imperial, José Bonifácio contratou na Inglaterra vários oficiais e praças para, além de guarnecer nossos navios, adestrar nossos “marinheiros”.



Figura 77 – José Bonifácio de Andrada e Silva

Entre eles, foi contratado um oficial inglês que havia participado das Guerras Napoleônicas, Alexander Thomas Cochrane, que, com outros oficiais e praças ingleses, chegou ao Brasil em 21 de fevereiro de 1823. Recebeu a patente de Primeiro Almirante da Marinha Imperial e foi nomeado comandante da Esquadra Imperial, tendo içado seu pavilhão na *Nau D. Pedro I*, primeiro navio capitânia da Marinha do Brasil. A primeira esquadra brasileira

suspendeu do Rio de Janeiro em 1º de abril 1823, para intervir na revolta contra o recém-independente Império na Bahia.



Figura 78 – Almirante Cochrane (selos dos Correios do Chile)

A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

Antecedentes Históricos

Em novembro de 1864, com o aprisionamento do vapor brasileiro *Marques de Olinda*, Francisco Solano López, Presidente do Paraguai, iniciou as hostilidades contra o Império do Brasil, do Imperador D. Pedro II. Os ataques paraguaios à Província do Mato Grosso e à cidade de Corrientes viabilizaram a formação da aliança argentino-brasileira, à qual aderiu o Uruguai.

Em 1º de março de 1865, foi assinado, em Buenos Aires, o Tratado da Tríplice Aliança, no qual os três países declararam guerra contra o governo do Paraguai.



Figura 79 – D. Pedro II
 Figura 80 – Solano López
 Figura 81 – Vice-Almirante Joaquim Marques Lisboa, comandante das Forças Navais Aliadas
 Figura 82 – General Manuel Luiz Osório, comandante do Exército Brasileiro
 Figura 83 – Bicentenário da Batalha Naval do Riachuelo
 Figura 84 – Exército paraguaio

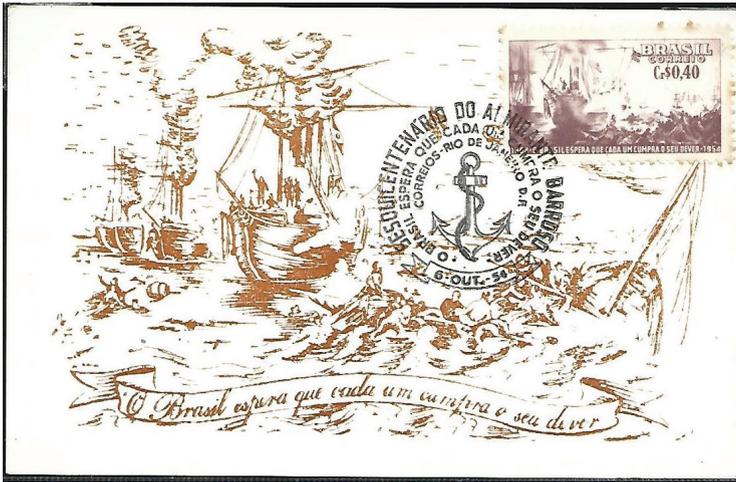


Figura 85 – Batalha Naval do Riachuelo

A Batalha Naval do Riachuelo (11/6/1865)²

Iniciada a guerra contra o governo do Paraguai, pelo ataque deste país ao Brasil e à Argentina, a Esquadra Imperial subiu o Rio Paraná a fim de bloquear o Paraguai e cortar as suas linhas de comunicação.

Compreendendo a má situação estratégica que isso significava para o país, o Marechal Solano López ordenou à sua esquadra que atacasse a Força Naval brasileira.

A batalha que então se travou foi a maior já ocorrida em águas sul-americanas e a primeira no Mundo pelo uso geral do vapor, embora fossem mistos os navios. O confronto esteve indeciso por cinco horas e só foi decidido pela ousada manobra do Almirante Barroso, metendo a proa da Fragata *Amazonas*, nau capitânia, sobre quatro embarcações inimigas, o que provocou a retirada paraguaia. A esquadra brasileira continuou a cruzar fogos com os canhões colocados na barranca do rio até o pôr do sol.



Figura 86 – Carimbo que obliterava as correspondências saídas dos navios da Esquadra brasileira (esquadra bloqueadora), peça filatélica rara

Figura 87 – Carimbo da Flota de Guerra da Armada Paraguaia (atual)

Figura 88 – Carimbo do Comando de Infantaria de Marina (atual)

² Este relato da Batalha Naval do Riachuelo foi escrito em 1985 por Leo Fonseca e Silva, professor de História Militar Naval da Escola Naval e da Escola de Guerra Naval, para ilustrar este importante fato histórico na coleção “A Marinha do Brasil e o Poder Naval Brasileiro: das Ideias da Escola de Sagres ao século XXI”, do autor.

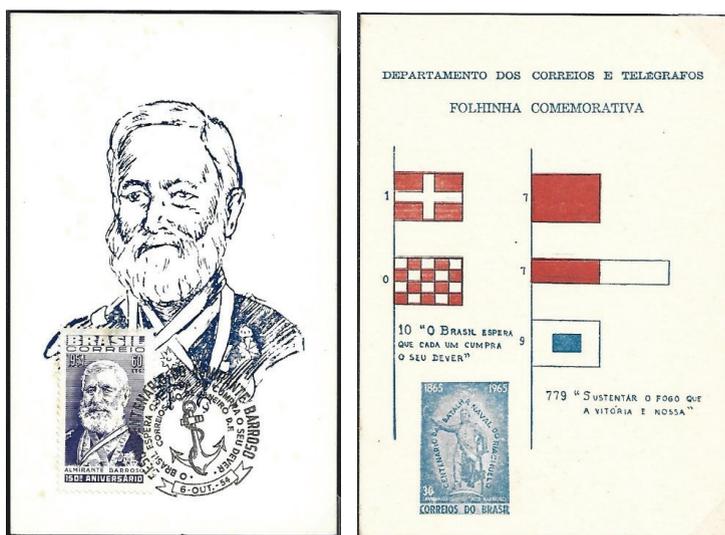


Figura 89 – Almirante Barroso e a Batalha Naval do Riachuelo (Folhinhas Comemorativas)

VULTOS CÉLEBRES DA MARINHA IMPERIAL BRASILEIRA

Joaquim Marques Lisboa



O Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marques de Tamandaré, nasceu em 13 de dezembro de 1807, na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul. Ingressou na Marinha Imperial como voluntário da Academia Imperial, praticante de piloto, em 1823. Recebeu os títulos nobiliárquicos de Barão (1860), Visconde (1865), Conde (1867) e Marquês de Tamandaré.

Tamandaré foi a própria história viva de nosso país, tendo participado das campanhas da Independência e da consolidação da Pátria (Arlada, Guerra dos Cabanos, Balaiada, Sabinada, Revolução



Figura 90 – Selos com a figura do Almirante Joaquim Marques Lisboa

Farroupilha e Revolução Praieira), da Campanha da Província Cisplatina e da Guerra da Tríplice Aliança (na qual foi comandante das Forças Navais Aliadas).

A Lei nº 461, de 29 de outubro de 1948, outorgou ao Almirante Marquês de Tamandaré o título de Patrono da Marinha.

Faleceu em 20 de março de 1897, na cidade do Rio de Janeiro.



Figura 91 – Primeiro selo personalizado emitido na Marinha pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, comemorativo ao Bicentenário do Nascimento do Patrono da Marinha



Figura 92 – Correspondência circulada do Rio de Janeiro para a cidade de Paris, França, com o selo comemorativo aos 150 anos do nascimento de Tamandaré

Francisco Manuel Barroso da Silva

O Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva nasceu na cidade de Lisboa, Portugal, em 1804. Ingressou na Real Academia dos Guardas-Marinha, já com sede no Brasil, em 1821.

Herói da guerra contra o Paraguai, foi o comandante da Força Naval vencedora da Batalha Naval do Riachuelo, embarcado na sua nau capitânia, a Fragata *Amazonas*.



Figura 93 – Selos do Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva

Eduardo Wandenkolk

O Almirante Eduardo Wandenkolk nasceu no Rio de Janeiro, em 29 de junho de 1838, tendo ingressado na Academia de Marinha, como praça de aspirante, em 22 de fevereiro de 1853. Participou da Campanha do Paraguai, bem como da Campanha da Cisplatina. Veio a falecer no Rio de Janeiro em 4 de outubro de 1900.



Figura 94 – Selo Almirante Eduardo Wandenkolk

Luiz Philippe Saldanha da Gama

O Almirante Luiz Philippe Saldanha da Gama nasceu na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, em 7 de abril de 1846, vindo a falecer em combate, a 24 de julho de 1895, em

Campo Ozório, no Rio Grande do Sul, durante a Revolução Federalista.

Alexandrino Faria de Alencar

O Almirante Alexandrino Faria de Alencar nasceu em 12 de outubro de 1848, no Rio Grande do Sul. Em fevereiro de 1865, foi declarado guarda-marinha, indo, logo após, servir na Esquadra em Operações no Rio da Prata, participando da recém-iniciada Guerra da Tríplice Aliança. Veio a falecer no Rio de Janeiro em 19 de abril de 1926.



Figura 95 – Correspondência com o selo alusivo a Saldanha da Gama, de 7 de abril de 1946



Figura 96 – Folhinha não oficial de 12 de outubro de 1948, em comemoração ao Centenário de Nascimento do Almirante Alexandrino

Antonio Carlos de Mariz e Barros

O Primeiro-Tenente Antonio Carlos de Mariz e Barros nasceu no Rio de Janeiro em 7 de março de 1835, vindo a falecer, após prestar relevantes serviços à Marinha Imperial brasileira, em 28 de março de 1866. Aos 14 anos, em 1849, matriculou-se na Academia de Marinha, sendo declarado aspirante no mesmo ano e promovido a primeiro-tenente em 1857.

Comandou vários navios, entre eles o Encouraçado *Tamandaré*, o primeiro desta classe construído em estaleiros brasileiros. No comando desta nau, Mariz e Barros participou dos combates da Guerra da Tríplice Aliança.



Figura 97 – Selo do Centenário de Morte do Tenente Mariz e Barros

Joaquim Antonio Cordovil Maurity

O Almirante Joaquim Antonio Cordovil Maurity assentou praça como aspirante a guarda-marinha em 1860. Embarcou no Encouraçado *Barroso* com destino ao teatro de operações da guerra contra o Paraguai. Tomou parte nos bombardeios de Itapiru, Curuzu e Curupaiti.

Foi o primeiro comandante do Monitor Encouraçado *Alagoas*, como primeiro-tenente, tendo assumido o comando em 31 de outubro de 1867. Nesse comando,



Figura 98 – Selo Almirante Maurity

tornou-se o herói da Passagem de Humaitá por arrojada ação de que participou. No período de 19 de novembro de 1898 a 12 de dezembro de 1902, exerceu o cargo de diretor da Repartição da Carta Marítima, organização precursora da Diretoria de Hidrografia e Navegação. Veio a falecer no Rio de Janeiro em 1915.

Marcílio Dias

O Imperial Marinheiro de Primeira Classe (Artilheiro) Marcílio Dias nasceu na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, em 1838. Ingressou na Marinha Imperial como grumete, aos 17 anos, praça do Corpo de Imperiais Marinheiros, em



Figura 99 – Carimbo comemorativo aos 150 anos de Marcílio Dias

5 de agosto de 1855. Chefe do rodízio raiado de ré da Corveta *Parnaíba*, ao ser este navio abordado por três embarcações paraguaias, travou, armado de sabre, luta corpo a corpo contra quatro inimigos, abatendo dois deles, mas tombando ferido de morte, para falecer no dia seguinte ao da Batalha Naval do Riachuelo. Foi sepultado nas águas do Rio Paraná, em 13 de junho 1865.

PALAVRAS FINAIS

Procurei apresentar, neste artigo, uma descrição inédita desse período da História do Brasil e da Marinha do Brasil, desde as “Ideias da Escola de Sagres”, do Infante D. Henrique, até a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, por meio da Filatelia.

Toda esta sequência desenvolvida foi retirada de minha coleção filatélica temática denominada “A Marinha do Brasil e



Figura 100 – Selo personalizado da Família Athayde Bohrer, à qual o autor pertence

o Poder Naval Brasileiro: das Ideias da Escola de Sagres ao século XXI”. Os selos dessa Coleção retratados no desenrolar da narrativa foram digitalizados por mim, Ela esteve em diversas exposições filatélicas, nacionais e internacionais, no Clube Naval e no Museu Naval. Iniciei a coleção como aspirante cursando a Escola Naval, nos idos dos anos 1960 e a venho aperfeiçoando ao longo de mais de 50 anos.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA>; História da Marinha do Brasil; Descobrimto do Brasil; Independência do Brasil; Guerra da Independência; Guerra do Paraguai;